

**Retratos da mulher integralista nas páginas da revista *Anauê!* (1935-1937)***Portraits of the integralist woman on the pages of Anauê! (1935-1937) magazine*

Isa Maria Moreira Liz

Acadêmica de História da UFSC/ Bolsista CNPq

**Resumo:** Tomando a emergência do debate de gênero a partir da conjuntura política atual, o presente artigo pretende analisar o elemento de dualidade no discurso do papel feminino integralista nos primeiros exemplares da revista *Anauê!* (1935-1937), durante a Era Vargas. Para tal, será tomada por objeto tanto essa perspectiva acerca da mulher pela AIB (Ação Integralista Brasileira), que se produziu sob uma noção de dualidade identitária complementar, reforçando os princípios da revista em análise, como também seu vínculo com a construção da identidade nacional incipiente no contexto catarinense à época.

**Palavras-chave:** *Anauê!* (1935-1937); Integralismo; Gênero; Identidade feminina.

**Abstract:** Assuming the emergence of the gender debate as of the current political conjuncture, the present paper aims to analyse the element of duality on the discourse of the integralist female role at the first three samples of *Anauê!* (1935-1937), during the Era Vargas. To this end, it will be taken by object not only AIB's perspective over women, which produced itself under a notion of complementary duality identity, reinforcing the principles of the magazine in question, but also, its connection with the construction of the national identity incipient in the catarinense context for the time period.

**Keywords:** *Anauê!* (1935-1937); Integralism; Gender; Women identity.

## Introdução

A revista *Anauê!*, impressa no Rio de Janeiro, mas com distribuição nacional, circulou entre os anos de 1935 a 1937, e buscava abarcar as especificidades e regionalismo de cada estado brasileiro, como em Santa Catarina, região com números significativos de camisas-verde<sup>1</sup>. Diversos números da revista publicavam fotos exaltando as atividades dos integralistas pelas regiões do país, com ênfase no estado catarinense. Seja por questões culturais internas, como externas, as pessoas adeptas ao integralismo, principalmente em Santa Catarina, estavam num processo de assimilação cultural à política nacionalista varguista o qual foi facilitado pela composição étnico-social plural do movimento<sup>2</sup>, que buscava difundir os princípios da AIB através da glorificação de um passado histórico brasileiro e

---

1 Seguidores/as do movimento; integralistas.

2 Aqui, cabe a consideração de entender tal processo sob disputas social e política, não pretendendo, portanto, ignorar tais resistências.



através dos usos da simbologia<sup>3</sup>; assim como fazia o Estado para manutenção da identidade brasileira.

Ao todo, foram publicadas 21 edições da *Anauê!*, sendo dessas, 5 em seu ano de fundação; 7 no segundo ano de circulação; e 9 em 1937, tendo sua última versão em novembro do mesmo ano. A *Revista Illustrada* tinha periodicidade mensal, e sua assinatura poderia ser adquirida semestral ou anualmente, variando valores do Brasil para o exterior<sup>4</sup>. Ainda, a revista, dirigida por Manoel Ferraz Hasslocher e Loureiro Junior<sup>5</sup>, aumentou seu número de páginas por exemplar, variando até 64 páginas, em 1937. Para o presente artigo foram analisados os três primeiros exemplares da revista para que pudessem ser observadas ideias que trabalhassem ou destoassem das noções de identidade feminina discutidas à época pelo movimento integralista. Dada a possível raridade da revista, já que somente um único exemplar está disponível para consulta e digitalizado em plataforma online<sup>6</sup>, foi necessário entrar em contato com representantes da Frente Integralista Brasileira do Rio de Janeiro (FIB-RJ), que se dispuseram em enviar os exemplares; e também com instituições públicas, como o setor do Memorial do Ministério Público, que possui atualmente grande parte dos exemplares para consulta local.

Dentro do cenário político atual, com a legitimação de pessoas centradas nos preceitos de moralidade e normatividade de gênero, ignorando que tal ideia é produto de uma determinada sociedade, e daí suas diferentes construções, fica evidente a primordialidade do debate neste artigo. É necessário, para a compreensão das problemáticas a seguir, que se entenda gênero como uma construção psicossocial presente em nossa sociedade como forma de distinção interpessoal que determina as relações de poder, a divisão de trabalho e a expressão de gênero, a partir de forças e interações muitas vezes não perceptíveis<sup>7</sup>, como será sublinhado. É com base nessa ideia que será pensado, dentro da *Anauê!*, como era constituído

3 SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 61-95, 2005.

4 Em 1937, seu último ano de circulação, os valores variaram de 20\$000 para aquisição semestral no Brasil e 40\$000 para o exterior. Para aquisição anual, os valores subiam para 30\$000 no Brasil e 60\$000 no exterior. Na França e Alemanha, a revista contava com representantes sediados.

5 Dados de 1937.

6 **ANAUE!**: Revista Mensal Illustrada. Rio de Janeiro, v.3, n. 20, out. 1937. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/jornais\\_revistas](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas)>. Acesso em: 06 abr. 2018.

7 Essa noção é resultado da discussão de produções teóricas acerca do gênero como categoria de análise. Conf. LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242; PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, n. 24, p. 77-98, 2005; SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

o perfil feminino, com que frequência dirigiam as matérias da revista às mulheres e de que forma isso se dava.

### O Integralismo em Santa Catarina

O aumento do número de pessoas adeptas ao movimento integralista, só no Vale do Itajaí atingiu quase 7 mil<sup>8</sup>, excluídas mulheres e crianças pelos dados do Congresso Regional em Blumenau em 1935. As organizações integralistas no estado catarinense foram realmente significativas, e um exemplo disso é que fora do estado de publicação do Rio de Janeiro, Santa Catarina assumia o segundo maior número de agentes autorizados à venda da revista *Anauê!*, seguida por Minas Gerais<sup>9</sup>. A relação de pessoas de descendências italiana e alemã com o integralismo já fora desmistificada pela historiografia catarinense mais recente<sup>10</sup>, mas ainda assim é válido sublinhar que a identidade brasileira estava sendo incentivada pelo Estado e construída compulsoriamente, o que tornou mais fácil o adentramento de ideologias identitárias principalmente numa região tão heterogênea culturalmente e com resquícios marcantes da colonização, como Santa Catarina.

O Estado de Santa Catarina encontrava-se no auge das discussões historiográficas a respeito da ‘verdadeira’ origem da cultura catarinense<sup>11</sup>, em disputa entre as famílias alemãs (Konder e Bornhausen) e açorianas (Ramos), que concorriam política e economicamente na região<sup>12</sup>. “Versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e um presente pré-moldado”<sup>13</sup>, conforme Raymond Williams, a tradição veio a ser o argumento legitimador de uma cultura que precisava ser enquadrada em sua noção mais abrangente de brasilidade. Isto é, enquanto grupos regionais de diferentes descendências (Konder e Bornhausen vs Ramos) que concorriam economicamente disputavam os significados das culturas açoriana e germânica, por outro lado, num contexto mais amplo percebia-se a necessidade de enquadramento no que se constituía pela hibridez cultural da nação brasileira, da romantização de um país composto harmonicamente por três ‘raças’<sup>14</sup>. As políticas regionais

8 O Integralismo em Blumenau (Histórico e estatísticas). **Congresso Regional das Províncias do Sul (7-8 de outubro de 1935)**, Blumenau: Typ. Barumgarten, 1935.

9 **ANAUE!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v.1, n.1, jan. 1935.

10 FÁVERI, Marlene de. Tempos de intolerância: repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. **Esboços**, v.16, n. 22, p. 91-109.

11 FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Autoridade do Passado. In: \_\_\_\_\_. **A farra do boi. Palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. p. 113-141.

12 GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.

13 WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111.

14 RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.



deveriam, portanto, estar em consonância com aquelas adotadas pelo Estado, com o pretexto de ‘bem-comum’, buscando alinhar o país tanto em questões culturais, como sociais.

Havia, em virtude das presenças italiana e alemã em Santa Catarina, um senso equivocadamente de aceitação e/ou ligação em massa desses/as descendentes às ideias provenientes dos regimes totalitaristas que ascendiam na Europa fascista à época. O que se percebeu, no fim do século XX<sup>15</sup>, foi que essas pessoas não necessariamente mantiveram um contato com os países de origem ou mesmo com sua cultura ‘tradicional’. Tal fato se deveu por dois porquês centrais: 1. pois a grande maioria era proveniente de um país ainda não unificado, não havendo, assim como não havia também no Brasil, uma coesão das províncias em termos culturais; 2. pela razão da própria ideia de identidade como tradução<sup>16</sup>, ou seja, como assimilação da sua antiga cultura à nova e que ocorreu de forma não equilibrada pelo processo de aculturação. Pode-se dizer ainda, que ao passo que tais descendentes, neste contexto específico em análise, foram enquadrados como destoantes da ordem brasileira e em consenso (ou ainda, reprodutores) com princípios nazifascistas, passaram a estreitar abertamente as relações com tais princípios políticos e tradição europeia, antes não necessariamente condutora cultural<sup>17</sup>.

No Brasil, as ideias integralistas foram desenvolvidas principalmente a partir do movimento da Ação Integralista Brasileira (AIB), fundado em 1932 por Plínio Salgado (1895-1975), líder glorificado como ideal não-personificado<sup>18</sup> – apesar das constantes exaltações da AIB a Plínio. A presença integralista no Brasil emergiu principalmente da classe média catarinense, formada por famílias baseadas na pequena produção a servidoras públicas<sup>19</sup>. O movimento, considerado não-partidário, tinha caráter cristão e propagava a defesa do ‘homem’ e da sua relação harmoniosamente interracial, cultural e social, conforme o lema adotado de “Deus, Pátria e Família”; aqui, Deus como aquele “[...] que dirige o destino dos povos, Pátria [como] ‘nosso lar’ e Família [como] ‘início e fim de tudo’”<sup>20</sup>. Daí o vínculo ao desenvolvimento espiritual que tanto imprime em suas falas. Ainda, apesar de colocar-se definitivamente adverso tanto ao capitalismo como ao comunismo, e mostrar-se contrário aos

15 SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: \_\_\_\_\_. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994.

16 HALL, Stuart Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A 2014.

17 Mesmo que, além desse fator, houvesse uma presença marcante da política externa fascista imperialista sobre o Brasil.

18 Por mais que fosse entendido e enaltecido em todos os exemplares analisados da *Anauê!*, havia um entendimento, por parte de Plínio SALGADO, em não personificar, ou ainda, simbolizar, o movimento integralista como um todo a partir dele como pessoa.

19 ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas**. Criciúma: EdiUNESC/EdiPUCRS, 2012, p. 277.

20 Institucional. **Frente Integralista Brasileira: A vitória já é nossa**. São Paulo, 2018.



regimes nazifascistas europeus que ascendiam à época (ainda que, contraditoriamente, muitas vezes elogiassem tais regimes), o movimento demonstra influências reais daqueles regimes sobre sua ideologia. A AIB deve ser entendida não somente como massa de manobra pela politização nacional, mas como uma escala reduzida de Estado<sup>21</sup>. Por conta da política nacionalista estadonovista e da disputa intraoligárquica que ocorria nos demais estados, como Santa Catarina, a AIB foi colocada na ilegalidade em 1937; em 1945 foi fundado o Partido de Representação Popular (PRP). Atualmente, fundada em 2004, a Frente Integralista Brasileira (FIB) é um dos grupos neointegralistas e que atuam até o momento.

A partir disso, parece ficar mais nítida a razão da revista *Anauê!* ter se destacado no estado catarinense, já que o integralismo, principalmente durante a década de 1930, exerceu certa influência sobre o que se pretendia por uma unidade identitária brasileira. Durante o período de circulação da revista, de 1935 a 1937, “foram mais de 50 artigos, notas e notícias publicadas na região sul-catarinense sobre o integralismo”<sup>22</sup>, e destas, 80% foram positivas ao movimento<sup>23</sup>; vindo, em 1937, a serem proibidas publicações sobre o integralismo para não incentivá-lo.

### Discurso feminino em análise

A partir das propagandas que cercavam os três primeiros números da revista, e percebendo o aumento destas no decorrer dos exemplares<sup>24</sup> em consequência do êxito, mesmo que efêmero, da difusão das ideias integralistas, pode-se concordar que havia um público-alvo específico a ser atingido: os trabalhadores<sup>25</sup>. Embora não fosse uma exclusividade sua, o feminino era alvo da revista. Essa ideia se percebe tanto 1. através de um sexismo mais velado, como em propagandas com contexto culinário, mas sem escancarar a mulher de fato cozinhando como função social do ‘cuidado’ do lar; como também 2. em publicidades farmacêuticas medicamentosas para o trato de infecções vaginais – e que de alguma forma auxiliavam na desmistificação sobre o corpo feminino. Além das propagandas comerciais, há

21 TRINDADE, Héliogio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2 ed. São Paulo: Difel, 1979, p. 181.

22 ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma: EdiUNESC/EdiPUCRS, 2012, p. 277.

23 Idem.

24 Há um aumento significativo de 31,1% das propagandas, a partir do primeiro exemplar da revista; sendo que em comparação ao terceiro exemplar, essa porcentagem mais que triplica para 100%, contando com 38 propagandas publicitárias.

25 Essa noção se afirma ainda pela composição de classe da AIB em Santa Catarina, ainda que tivesse especificidades regionais.

um direcionamento às “*blusas-verde* (como eram chamadas as mulheres integralistas)”, percebido nas chamadas das matérias como em: “Sublime Missão [da mulher]”<sup>26</sup>, “O papel da mulher na causa integralista”<sup>27</sup> e “Decalogo da bôa esposa”<sup>28</sup>, esta última num formato de 10 mandamentos a serem seguidos. Na composição executiva e autoral da revista, havia lugar às mulheres. No entanto, muitos dos artigos direcionados à mulher que discutiam sua missão na sociedade brasileira eram escritos por homens, como por exemplo a já citada matéria “Sublime Missão [da mulher]”, por Floriano Japejú Thompson Esteves - colunista da revista e Chefe do Departamento de Coordenação e Inspeção da Secretaria Nacional de Organização Política (SNOP) da AIB<sup>29</sup>.

É possível contemplar a ideia de Joana Maria Pedro de que as relações e tarefas (aqui pensadas como missão) do feminino só importam quando atingem o masculino<sup>30</sup>, isto porque essas mulheres só alcançaram a esfera mercadológica de trabalho quando cumpriram com suas obrigações de respeito e manutenção do seu lar. Coincidentemente com uma lonjura de quase cinco décadas, essas relações são as mesmas destacadas pela autora quando se refere à cidade de Desterro/Florianópolis no fim do século XIX e início do XX, por serem pautadas pelo vínculo de mulher como mães, esposas e filhas (ou mesmo irmãs, na menor das ligações), seguindo papéis normativos e preestabelecidos socialmente para tais. É imaginável que buscassem a força feminina dentro de um movimento que se coloca sendo híbrido social e culturalmente, como também que as mulheres foco da revista estivessem contempladas nas seções de fofoca, de moda e de maternidade. Ainda que no Brasil essas questões estivessem se dando sob o movimento feminista de primeira onda, “centrado na reivindicação dos direitos políticos [...], nos direitos sociais e econômicos”<sup>31</sup> às mulheres, o que não necessariamente se espera é que também estivessem voltadas a essas mulheres as seções da luta do movimento integralista em si, o embate direto de forças; ou ao menos, que não estivessem ligadas a essas duas funções. Ou seja, uma dualidade identitária feminina que se autocomplementa.

26 ANAUÊ!: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jan 1935.

27 Idem, v.1, n.2, maio 1935.

28 Idem v.1, n.3, ago. 1935.

29 PINTO, Marcos Rogério. **O perfil feminino no integralismo no Brasil pela revista Anauê!: o pertencimento à família integralista.** 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016. p. 25.

30 PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas:** uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

31 PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, n. 24, p. 79.



Elementos voltados ao privado podem ser percebidos, por exemplo, no trecho selecionado de “O papel da mulher na causa integralista”, escrito por Pedro Baptista, homem e chefe provincial da Parahyba:

A campanha integralista é de fato uma campanha pedagógica. E quem, neste quartel, competirá em ternura e intuição com as nossas patrícias para marcar fundo [...] [às] verdades [...] afirmadas nas nossas diretrizes?. A mulher exemplo [...] demonstra possuir faculdades perceptivas muito mais aperfeiçoadas que o homem. Daí seu papel na educação do próprio homem. [...] As mães, as esposas, as irmãs, [...] ao qual elas se estão entregando intrepidamente [ao movimento] porque perceberam nele o sentido da brasilidade<sup>32</sup>.

Também podemos observar essa naturalização do compromisso materno à mulher e o seu apreço por tal no apelo ao crescimento da natalidade na Itália fascista direcionado ao gênero feminino<sup>33</sup>. Essa função materna é enaltecida numa tentativa de vincular essa relação ao poder, pois “a mão que embala o berço governa o mundo”<sup>34</sup>. Ou seja, para o movimento integralista brasileiro, existe um vínculo indissociável da mulher com o homem, o qual atinge seu ápice no papel de mãe e deve ser manifestado com zelo e aprimorado os dons ‘naturais’ da mulher na criação de seus/as filhos/as. Como observou Gustavo Pontes, analisando as páginas de outro periódico integralista, o *Flamma Verde*, os escritos “apoiavam uma concepção de mulher tradicional socialmente construída, o ideal de esposa e mãe”<sup>35</sup>. Ao analisar especificamente as biografias de Catharina II e Christina da Suécia divulgadas na coluna “Bibliographia” pelo *Flamma Verde*, o autor aponta a mesma associação das mulheres “com questões pessoais e do âmbito privado” que percebemos no texto “O papel da mulher na causa integralista”. A questão apontada é como as mulheres, “mesmo atuantes no meio político, ‘chamam a atenção’ para um possível leitor a partir de elementos de sua vida pessoal e não por suas ações”<sup>36</sup>.

Ao mesmo tempo, percebe-se, nos números da *Anauê!* analisados, como os cargos de chefia ocupados por mulheres eram ressaltados pela revista, talvez para fazer crer que era possível à mulher atingir o âmbito público, e não restringir-se ao privado. Em outros espaços da revista, são apresentadas imagens de mulheres militantes em passeatas em Santa Catarina e

32 **ANAUE!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v.1, n.2, maio 1935.

33 A criança na Itália fascista. **Anauê!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v.1, n.2, maio 1935.

34 Missão da mulher brasileira. **Anauê!**: Revista Brasileira Ilustrada. Rio de Janeiro, v.1, n.1, jan. 1935.

35 PONTES, Gustavo Tiengo. **Das páginas de “Flamma Verde”**: educação e sociabilidade no periódico integralista “Flamma Verde” em Florianópolis entre 1936 e 1938. Dissertação no Curso de História da UDESC, 2016, p. 109-10.

36 Idem, p. 194.



outros estados, sempre organizadas dentro do movimento integralista. Segundo estudo de Simões e Gonçalves nas páginas do jornal integralista *A Offensiva*, as mulheres ocupavam um espaço para além das funções femininas integralistas nos setores de assistência social, saúde e educação<sup>37</sup>, mas também tinham um dever político, atuando como militantes pelo movimento a partir das funções estabelecidas pelo Departamento Nacional Feminino<sup>38</sup>.

Não à toa, essas mulheres militantes recebiam uma educação para seu engajamento político, colocado por Simões e Gonçalves como tríade da “educação integralista feminina, ou seja, a educação intelectual, física e moral da mulher”<sup>39</sup>. Esse é o enclave do papel feminino: ela, mulher integralista, deveria ser útil no lar, cumprir seu papel na educação de suas crianças e buscar sua cultura, com ‘vida conjugal exemplar’ - para não “perder a fé, o pudor, e o recato feminino”<sup>40</sup> - mas também ser tão heroína, brava e audaciosa nas lutas políticas quanto Anita Garibaldi, referência constante nas páginas da revista. A referência à Garibaldi, “no recesso do lar, meiga e carinhosa, firme e decidida no campo de luta”<sup>41</sup> sintetiza tal enclave.

### Considerações finais

Tendo estabelecidas as relações da AIB com suas *blusas-verde*, percebe-se, a partir desta breve análise, que a figura feminina dentro do movimento integralista envolvia-se na real função de homogeneização do papel da mulher dentro da sociedade brasileira, para em um segundo momento, controlar suas ideias, vontades e discursos no âmbito político social, fortalecendo a família como instituição. A representação integralista do feminino, que tinha por objetivo “divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista [...] [pregando] pela revolução da família”<sup>42</sup>, foi circulada através das palavras de ordem da mulher ‘meiga’ e ‘corajosa’, ‘diligente’ e ‘do lar’, ‘sagrada’ e ‘audaciosa’. Esses adjetivos condutores da mulher ideal integralista, presentes nas páginas da *Anauê!* sob as relações de mãe e esposa, ainda reverberam no tempo presente na representação da mulher como “bela, recatada e do

37 GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In. CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 67.

38 O Departamento Nacional Feminino, composto pelas divisões de Expediente, Cultura Physica, Educação, Estudos e Ação Social, compreendia a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (SNAFP) da AIB (Idem, p. 67-68).

39 GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In. CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 63.

40 CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSC, 1999, p. 61.

41 A criança na Itália fascista. **Anauê!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v.1, n.2, maio 1935.

42 **ANAUE!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan. 1935.





lar”. É inviável pensar qualquer libertação da mulher compreendendo a tripla jornada de trabalho das mulheres no capitalismo<sup>43</sup> (trabalho fora de casa, o trabalho doméstico e o trabalho materno/educação). Não há liberdade financeira que livre a mulher enquanto são mantidos sob sua responsabilidade os afazeres reprodutores, educacionais e domésticos – e segundo os integralistas, são função “natural” da mulher.

## Referências

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FÁVERI, Marlene de. Tempos de intolerância: repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. **Esboços**, v.16, n.22, p. 91-109. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2009v16n22p91/16326>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

**Frente Integralista Brasileira**. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/?cont=778&vis=>>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Autoridade do Passado. *In*: \_\_\_\_\_. **A farra do boi. Palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. p. 113-141.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. *In*: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 61-81.

HALL, Stuart Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

KOLLONTAI, Alexandra. **O Comunismo e a Família**. Barcelona: Ed. Marxista, 1937. Disponível em: <[https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1920/mes/com\\_fam.htm](https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1920/mes/com_fam.htm)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. *In*: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

\_\_\_\_\_. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, n. 24, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

---

43 KOLLONTAI, Alexandra. **O Comunismo e a Família**. Barcelona: Ed. Marxista, 1937.



PINTO, Marcos Rogério. **O perfil feminino no integralismo no Brasil pela revista Anauê!**: o pertencimento à família integralista. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1524/1/PINTO.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PONTES, Gustavo Tiengo. **Das páginas de “Flamma Verde”**: educação e sociabilidade no periódico integralista “Flamma Verde” em Florianópolis entre 1936 e 1938. 2016. 236 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/151/gustavo\\_tiengo\\_pontes\\_dissertacao.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/gustavo_tiengo_pontes_dissertacao.pdf)>. Acesso em: 08 fev. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71721/40667>>. Acesso em 15 nov. 2018.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. *In*: \_\_\_\_\_. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 61-95, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28274.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma: EdiUNESC/EdiPUCRS, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## Fontes

**ANAUÊ!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan. 1935.

**ANAUÊ!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, mai. 1935.

**ANAUÊ!**: Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, ago. 1935.

O Integralismo em Blumenau (Histórico e estatísticas). **Congresso Regional das Províncias do Sul (7-8 de outubro de 1935)**, Blumenau: Typ. Barumgarten, 1935.



Retratos da mulher integralista nas páginas da revista Anauê! (1935-1937) - Isa Maria Moreira Liz

Recebido em 05 de julho de 2018.

Aceito para publicação em 14 de maio de 2019.

